

A FASE INICIAL DA DIFUSÃO DAS IDEIAS DE MARX NO BRASIL

Denilton Novais Azevedo

(denilton.historia@yahoo.com.br);

Universidade Estadual de Maringá - UEM*

RESUMO

No presente artigo procuramos reconstruir parte do contexto histórico brasileiro referente à fase inicial da difusão das ideias políticas de Karl Marx entre alguns dos mais influentes pensadores do Brasil das últimas décadas do século XIX e início do XX. Para a realização deste texto nos valem, em grande medida, de uma variedade de informações publicadas em alguns jornais e obras da época. Em linhas gerais, esperamos poder contribuir, com esta pesquisa, para o preenchimento de algumas lacunas bastante recorrentes sobre a temática da difusão do pensamento político de Marx no Brasil.

Palavras-chave: Karl Marx, Marxismo, Movimento Operário, Ideias Políticas, Intelectuais.

ABSTRACT

In this article, we attempt to rebuild part of the Brazilian historic context concerning the first phase of the propagation of Karl Marx's political ideas, one of the most influent thinkers in Brazil, from the last decades of the 19th century to the beginning of the 20th century. In order to produce this text, we resorted to a large assortment of published material from newspapers and literary works of that period. By and large, we hope this research can contribute to filling in some recurring gaps which usually appear in the topic about the propagation of Marx's political thoughts in Brazil.

Keywords: Karl Marx, Marxism, Labor Movement, Political Ideologies, Intellectuals.

INTRODUÇÃO

No que se refere à fase inicial da difusão¹ das ideias políticas de Karl Marx no Brasil, em primeiro lugar, devemos sublinhar que, assim como ocorreu em outros países, o marxismo teve de percorrer um longo percurso, repleto de obstáculos (HOBSBAWM, 1983, p. 425)², até tornar-se hegemônico no movimento operário brasileiro (AZEVEDO,

* Agência financiadora da pesquisa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ/CAPES, dezembro de 2011 à março de 2013.

¹ Para pensarmos no processo específico da difusão das ideias de Marx no Brasil, nos valem, em grande medida, das observações apontadas pelo historiador argentino Horácio Tarcus. Para o historiador, a difusão de um conjunto de ideias ocorre a partir da publicação em livros, revistas, jornais, periódicos, cursos, palestras, debates, etc. (TARCUS, 2007, p. 30).

² Mesmo se tratando de alguns países do continente europeu, a fase inicial da difusão das ideias de Marx não foi nada fácil. Um dos motivos, a pequena quantidade de obras dos filósofos a disposição do público. A esse respeito, o historiador inglês Eric Hobsbawm acrescentou: “Portanto, em 1875, o corpus das obras de Marx e Engels conhecidas e a disposição do público era bastante reduzido, já que grande parte dos seus primeiros escritos estavam esgotados e não haviam sido reeditados.” O interesse pelas obras de Marx cresceu consideravelmente após sua morte, coincide justamente com a ascensão do “movimento socialista internacional”. (HOBSBAWM, 1983, p. 425).

2008, pp. 26-27)¹. Nos relatos de Raimundo Magalhães Júnior, presente no artigo *Karl Marx na Imprensa do Império*, foi possível observar o contexto do aparecimento do nome do filósofo alemão no Brasil. Valendo-se dos comentários de Magalhães:

[...] As primeiras referências a Karl Marx no Brasil surgem anos depois da fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, que à época teve pouquíssima repercussão entre nós. Isso era, de resto, muito natural. Não havia problema operário no Brasil, nação sem trabalho livre organizado, com suas atividades ainda fundadas no braço escravo. A grande reivindicação entre nós era a libertação desses escravos, que só seria definitivamente conseguida a 13 de maio de 1888. A partir daí é que começaria a haver clima para outras reivindicações: regulamentação das horas de trabalho, férias, salários, etc. O que trouxe o nome de Karl Marx às colunas da imprensa brasileira foi o interesse despertado pelo movimento de 1871, em Paris, com o caráter de verdadeira insurreição popular. (MAGALHÃES, In: TAVARES, 1983, p. 148).

Como se observa no fragmento acima, as primeiras menções a Marx no Brasil de que temos conhecimento apareceram atreladas às repercussões da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)², bem como ao episódio da Comuna de Paris, de 1871. Sobre o impacto provocado pela Comuna no Brasil, com base no historiador José Nilo Tavares, mereceu destaque o discurso pronunciado pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Manoel Francisco Correa, direcionado aos parlamentares e senadores, no Rio de Janeiro. O ministro exigiu que as autoridades competentes do país ficassem em alerta quanto ao perigo destes arruaceiros virem para o Brasil (TAVARES, 1983, p. 102). Por outro lado, tiveram também aqueles que receberam os ideais difundidos pelos *comunards* com bastante entusiasmo. Leandro Konder destacou, a título de exemplo, os comentários de Lúcio de Mendonça (1854 – 1909), exposto na obra *Horas do Bom Tempo*, onde se constatou a influência do movimento revolucionário francês sobre alguns estudantes e boêmios que residiam na cidade de São Paulo. Segue-se abaixo o comentário de Mendonça:

O comunismo enobrece, santifica o trabalho, suprimindo o intuito egoístico de acumulação da propriedade, que desaparece, como desnecessária, e suprimindo a ambição de dinheiro, de moeda, que, na economia da Comuna,

¹ Sobre a complexidade do pensamento de Marx, “[...] devemos levar em consideração que o *corpus* da teoria desenvolvida por Marx não era dos mais fáceis de se entender. Ainda nos dias de hoje ler Marx requer muito esforço, e, sem dúvida, nunca haverá um consenso no entendimento; cada leitor terá uma interpretação particular. O próprio Marx tinha consciência da complexidade de suas idéias, sabia, dessa forma, que seria fundamental seu engajamento nas organizações operárias”. (AZEVEDO, 2008. p. 26 – 27).

² Em 1864 Marx e Engels ajudaram a fundar a primeira Associação Internacional dos Trabalhadores, posteriormente chamada de Primeira Internacional. O principal objetivo dessa organização, como o próprio nome já sugere, seria uma tentativa de agrupar, direcionar e preparar os operários para a luta contra a exploração burguesa. Entretanto, dentro organização havia inúmeras divergências, socialistas utópicos, socialistas reformistas, anarquistas, seguidores de Marx duelavam mutuamente. Insatisfeitos com as brigas internas Marx abandona à AIT em 1871. (AZEVEDO, 2008. p. 18).

deixa de existir, por inútil e sem significação – pois a moeda é um título de dívida, um representativo de trabalho acumulado e economizado, e nada disso se compadece com o regime comunista. (MENDONÇA, *apud.* KONDER, 1988, p. 68).

Para Tavares, às repercussões provocadas pelo impacto da Comuna de Paris, possibilitaram o aparecimento do nome de Marx no Brasil. De acordo com o historiador:

[...] as idéias de Marx – e o marxismo – passam a constituir elemento integrante do pensamento político brasileiro, concomitantemente com sua afirmação no movimento operário revolucionário internacional. Não importa que somente cinqüenta anos depois se crie, no país, uma organização marxista permanente – o Partido Comunista do Brasil, a mais antiga estrutura partidária nacional –, e que só em 1922 o *Manifesto do Partido Comunista* seja traduzido e divulgado, em livro. Não importa, igualmente, que Marx e o marxismo, diretamente, como ocorreria em todo o mundo, sejam pouco conhecidos e difundidos. (TAVARES, 1983, p. 95).

A primeira referência ao pensamento de Marx no Brasil ocorreu quando o autor de *O Capital* ainda estava vivo, e foi publicada em forma de artigo no jornal republicano de Recife *Os Seis de Março*, em 25 de março de 1872¹. Conforme salientou Chacon: “Trata-se de tradução dum longo artigo publicado antes na revista *Ilustração Espanhola*, sob o cerimonioso título ‘O Dr. Carlos Marx’. Nele se procura resumir a sua vida e a sua obra até então” (OS SEIS DE MARÇO, *apud.* CHACON, 1981). O nome de Marx também acabou virando notícia na ocasião de sua morte, ocorrida em 14 de março de 1883. Em fragmento publicado na coluna “D’aqui d’colá” na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, trazia para seus leitores algumas breves informações de caráter biográficos acerca da vida do filósofo alemão: “Karl Marx, fundador da Internacional e há pouco falecido em Londres, contava 69 anos de idade. Chefe do movimento socialista moderno, o illustre finado merece uma biografia” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1883).

Entre os pensadores brasileiros, Tobias Barreto (1839 – 1889) foi quem realizou a primeira análise sobre o Brasil tomando como base o pensamento de Marx. Em 1883, na ocasião da colação de grau de uma turma de bacharéis do curso de Direito, Barreto pronunciou o seguinte discurso:

[...] Karl Marx diz uma bela verdade, quando afirma que cada período tem as suas próprias leis [...] logo que a vida atravessa um dado período evolutivo, logo que passa de um estágio a outro, ela começa também a ser dirigida por leis diferentes [...] A questão cardeal do nosso tempo não é política e nem

¹ Segundo informou Konder, o importante jornal recifense, *Os Seis de Março*, após o impacto provocado pela Comuna de Paris no Brasil, transcreveu e publicou uma série de matérias e estudos de jornalistas espanhóis acerca da Internacional, bem como sobre o pensamento de Karl Marx.

religiosa: é eminentemente social e econômica. (BARRETO, *apud.* CHACON, 1981, p. 168).

Por conta deste e de outros comentários proferidos por Barreto, os historiadores do marxismo no Brasil tem-se perguntado, teria o jurista realmente lido diretamente *O Capital*? De acordo com um estudioso do assunto, Evaristo de Moraes Filho, em seu livro, *Medo à Utopia*, o comentário de Barreto teria sido baseado em um artigo crítico de apresentação de *O Capital*, publicado na revista *Mensageiro Europeu*, escrito por um jornalista russo de São Petersburgo, em maio de 1872 (MORAIS FILHO, 1985, p. 95).

Para Konder é muito provável que Barreto tenha lido *O Capital*, ainda que esta leitura tenha sido sem profundidade¹. Porém, é válido deixar registrado que Barreto não foi nenhum simpatizante das ideias socialistas, tampouco, um adepto do marxismo, entretanto, todos estão em comum acordo ao caracterizar o comentário de Barreto como sendo a primeira referência a *O Capital* no Brasil que se tem notícia. Conforme acrescentou Chacon, as menções pioneiras ao pensamento de Marx realizadas por Barreto foram fundamentais, uma vez que contribuiu para difundir o nome do filósofo alemão entre alguns renomados pensadores ligados a Escola do Recife². Para reforçar seu argumento, Chacon trouxe a luz alguns comentários de Clóvis Bevilacqua, presente na obra *Estudos de direito e economia política*, publicada no ano de 1886:

A escola socialista germânica de Marx e Lassale pretende que o governo deve estabelecer uma taxa progressiva sobre os proprietários em proveito dos operários. [...] Ambos estes escritores se impõem à nossa simpatia, não tanto pela vida aventurosa que levaram quanto pelo seu fervor em prol do proletariado e pelo cunho científico (principalmente Karl Marx) que procuravam imprimir a seus escritos. Marx queria um *socialismo científico*, tomando por base os trabalhos de Darwin, a anatomia, a antropologia etc., e distanciando-se muito das teorias anteriores de Saint-Simon, Fourier, Cabet, Proudhon e Louis Blanc. (BEVILACQUA, *apud.* CHACON, 1981, p. 171).

¹ Tobias Barreto era um intelectual bastante antenado em tudo o que ocorria no continente europeu, a filosofia alemã, em especial, exercia uma grande influência sobre o seu pensamento. Ademais, devemos considerar que Barreto matinha na Europa alguns contatos com editores que lhes enviavam frequentemente livros. Segundo informou Konder, o jurista teria recebido a 2ª edição (1872) em alemão do primeiro volume de *O Capital*.

² O filósofo Antônio Paím comentou acerca de suas principais características: “Sua complexidade advém do fato de que os pensadores que os integram recorrem às correntes inspiradoras estrangeiras a fim de enfrentar e resolver determinados problemas, cuja magnitude advinha de nossa peculiar consubstancialidade. Por essa forma não cabe considerá-las como simples projeções, mas abordá-las de modo autônomo, tornando como referência a obra local e a problemática que suscita. [...] Encarada como corrente filosófica, a Escola do Recife desenvolveu-se em quatro fases perfeitamente distintas, admitindo-se a existência de um primeiro ciclo no qual seus fundadores são simples participantes do denominado surto de idéias novas. A busca de urna posição própria no seio do espírito crítico abrange pelo menos um decênio, desde os meados da década de setenta à primeira metade do decênio seguinte. Sucedem-se, desde então, as épocas de apogeu - até o alvorecer do novo século - e de declínio e desaparecimento, nos anos do século XX que antecedem a conflagração mundial”. (PAIM, 2007, p. 151).

Como se pode notar, trata-se de uma leitura um tanto superficial acerca da complexa filosofia desenvolvida por Marx. Em linhas gerais, para Bevilacqua, o pensamento do filósofo alemão seria de incentivo à política de arrecadação de impostos por parte do Estado, no intuito de promover a transferência de riquezas em benefício dos operários. O mesmo Bevilacqua segue seu raciocínio demonstrando o que mais lhe desagradava em relação às idéias socialistas:

Infelizmente suas doutrinas parece que têm mais um caráter revolucionário do que algo construtivo. [...] As diversas hipóteses socialistas sempre me impressionaram de um modo desconsolador. Arrastado pelo vigor da argumentação, pelo tom da sinceridade, não raro pelas cintilações do estilo e, mais ainda, por uma necessidade mental insaciada, deixava-se arrastar à procura da preconizada solução, mas, chegando ao termo da jornada, meu espírito convola-se para seu retraimento, levando uma decepção a de mais. [...] O *próton-pseudo*, o pecado original do socialismo é querer nivelar as classes sociais, quando é certo que é de sua desigualdade, da diversidade de funções que resulta a harmonia e o progresso humano. (BEVILACQUA, *apud*. CHACON, 1981, p. 171-172).

O crítico literário e historiador Sílvio Romero (1851 – 1914), também ligado a Escola do Recife, realizou algumas breves referências acerca do pensamento de Marx. Em um trabalho publicado em 1895 intitulado, *Ensaio de Filosofia do Direito*, o historiador chamou a atenção dos leitores em uma nota explicativa para a obra *Análise della Proprietà Capitalista*, de autoria do sociólogo italiano Achille Loria. Romero comentou que o livro de Loria “[...] como já houve quem demonstrasse [...] não passa de um plágio de *O Capital* de Karl Marx, tentando, aliás, refutá-lo, gênero de escamoteação muito comum, principalmente entre italianos” (ROMERO, *apud*. KONDER, 1988, p. 75). Segundo nos informou Konder, é provável que Sílvio Romero tenha entrado em contato com alguns livros de Marx, no entanto, tudo indicou que também não houve um aprofundamento nestas leituras.

O filósofo Raimundo de Farias Brito (1862 – 1917), contemporâneo de Romero e, igualmente, bastante influenciado pela Escola do Recife, deixou-nos registrado em seu livro, *A Finalidade do Mundo*, publicado no ano de 1899, algumas menções indiretas ao pensamento de Marx. Acerca da questão social no Brasil, Farias Brito argumentou: “O ponto de vista dos socialistas é: a questão social deve ser resolvida politicamente, em nome do interesse. O meu ponto de vista é: a questão social deve ser resolvida religiosamente, em nome de uma ideia” (BRITO, *apud*. KONDER, 1988, p. 75-76).

Como se percebe no fragmento acima, Farias Brito privilegiou o aspecto religioso e moral como forma indispensável para superar os problemas sociais existentes no Brasil. Entre os intelectuais discutidos até o presente momento, o filósofo fluminense foi quem mais respeitou a complexa teoria desenvolvida Marx, a qual chamou: “uma doutrina vasta e profunda” (BRITO, *apud.* KONDER, 1988, p. 76). Conforme nos advertiu Konder, faltou oportunidade para Farias Brito ler diretamente a principal obra de Marx.

O escritor Machado de Assis (1839 – 1908), em uma crônica publicada no Jornal carioca *Gazeta de Notícias*, no dia 13 de janeiro de 1885, sem perder a habitual ironia, inventou um personagem, supostamente vindo da Rússia, conhecido apenas como Petroff. O russo havia desembarcado na cidade do Rio de Janeiro a serviço do Centro do Socialismo Universal, com sede em Genebra, na Suíça. Petroff, ao participar de uma festividade no espaço da Sociedade Socialista, confundiu o local e a agitação do público presente com um grande centro revolucionário, porém, tudo não passava de uma grande diversão para os frequentadores.

Acreditando encontrar-se entre os camaradas socialistas, Petroff foi convidado a falar. Em seu discurso inflamado, de cunho revolucionário, ninguém entendeu nada do que foi discursado, ainda assim o aplaudiram, com ares de recreação. Surpreso e muito animado com os efeitos de sua fala, escreveu imediatamente para o Centro do Socialismo Universal: “Não posso dar-lhe idéia dos aplausos que recebi. Todas as teorias de Bebel, de Cabet, de Proudhon e do nosso incomparável Karl Marx foram perfeitamente entendidas e aclamadas” (ASSIS, *apud.* KONDER, 1988, p. 77). Como sabemos, Machado não nutria nenhuma simpatia pelas ideias socialistas, no geral, via essas ideologias novas com certo grau de ceticismo.

Outro intelectual bastante influente no meio político brasileiro da passagem do século XIX para o XX, Rui Barbosa (1849 – 1923), fez referência à obra *O Manifesto Comunista*. A principal crítica de Rui em relação aos socialistas foi no que se referiu à concepção da propriedade privada. A esse respeito, o jurista condenou: “é Saint-Simon, pregando a abolição da herança; é Proudhon, assimilando a propriedade ao roubo; é Karl Marx, apostolando a partilha do capital; é Henry George, teorizando a nacionalização da terra” (BARBOSA, *apud.* KONDER, 1988, p. 73).

Como se pode notar, o comentário de Rui Barbosa é característico de alguém que não chegou a ler diretamente a obra de Marx, uma vez que o filósofo alemão jamais fez qualquer tipo de referência à partilha do capital, antes foi um crítico de semelhantes

abordagens (MARX, 2012)¹. Nunca é demais lembrar que, para Marx, a origem das contradições entre as classes sociais se encontrava, essencialmente, no campo da produção (MARX, 1988, p. 121-141)². Ademais, segundo informou Konder, na biblioteca particular do jurista baiano, inexistia qualquer tipo de registro de obra do filósofo alemão.

O jornalista e escritor Euclides da Cunha (1866 – 1909), realizou também alguns comentários importantes acerca das ideias de Marx. O autor de *Os Sertões* soube, como poucos, diferenciar o pensamento de Marx dos demais socialistas. O escritor estava atento para as “supostas fragilidades” dos pensadores socialistas, a esse respeito argumentou: “estupendas utopias de Sant-Simon”, “alienações de Proudhon”, “tentativas bizarras de Fourier”, “soçobro completo da política de Louis Blanc”. De acordo com Euclides, foi com Marx, “com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva” (CUNHA, *apud*. CHACON, 1981, p. 177). No fragmento abaixo, demonstrou toda sua admiração pela sistematização do pensamento desenvolvido por Marx. Valendo-se dos comentários do próprio autor:

A fonte única da produção e do seu corolário imediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, nem as máquinas, nem o capital, ainda coligados, as produzem sem o braço do operário. Daí uma conclusão irreduzível: a riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham. E um conceito dedutivo: o capital é uma espoliação. [...] A exploração capitalista é assombrosamente clara, colocando o trabalhador num nível inferior ao da máquina. [...] põe-se de manifesto o traço injusto da organização econômica do nosso tempo. [...] Não se pode negar a segurança do raciocínio. [...] Revolução: transformação. Para a conseguir, basta-lhe erguer a consciência do proletário. [...] Porque a Revolução não é um meio, é um fim; embora às vezes, lhe seja mister um meio, a revolta. [...] Porque o seu triunfo é inevitável. [...] Garantem-no as leis positivas da sociedade que criarão o reinado tranqüilo das ciências e das artes, fontes de um capital maior, indestrutível e crescente, formado pelas melhores conquistas do espírito e do coração. (CUNHA, *apud*. CHACON, 1981, p. 177-178).

As análises de Euclides acerca da exploração do trabalho é algo bastante indicativo, trata-se de um intelectual interessado em demonstrar a origem das desigualdades entre operários e patrões. A conclusão que acabou chegando foi mais interessante ainda, pois sugeriu que toda a riqueza produzida pelo operário deveria pertencer ao próprio operário, ou seja, aquele que a produziu. No entanto, argumentou

¹ Cf. MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012, no qual Marx critica de forma contundente as formulações confusas do programa de unificação da social-democracia alemã.

² Para uma análise do processo capitalista de produção, e da distância a uma semelhante concepção da partilha do capital consultar: MARX, Karl. Capítulo IV: A transformação do dinheiro em capital. In: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*, Vol. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988. pp. 121 – 141.

que se isso não ocorreu, foi por conta do poder de espoliação que o capital possui; além de roubar uma parte significativa do trabalho alheio, colocou o operário em uma posição desfavorável, de inferioridade. Para Euclides da Cunha só restaria uma opção ao operário, a conscientização de sua condição e, por conseguinte, a revolução.

A partir destas observações, poderia supor que o autor de *Os Sertões* teria lido diretamente e aprofundado sua leitura sobre a obra maior do marxismo, ou seja, *O Capital*. Porém, para o jornalista Rui Facó, apesar da simpatia que Euclides nutria pelas idéias socialistas e marxistas, devemos identificá-lo, antes de tudo, como sendo “[...] um eclético, sem ir adiante daquela breve e lúcida explanação sobre Marx” (FACÓ, *apud*. CHACON, 1981, p. 178).

É necessário ter certo cuidado em relação a esse questionamento apresentado por Rui Facó, pois, durante muito tempo, os comunistas pretenderam ter o monopólio sobre qual a maneira correta de se ler a obra de Marx. Nessa perspectiva, qualquer desvio da linha política defendida pelos pecebistas era considerado apócrifo, ou seja, uma leitura não autorizada (CHARTIER, 1992, p. 215-216). Esse tem sido um problema bastante recorrente na construção da memória do movimento operário brasileiro¹.

Por último, não poderíamos nos esquecer de uma importante figura do movimento operário brasileiro do início do século XX. Trata-se do médico sergipano Silvério Fontes (1858 – 1928), segundo alguns especialistas no assunto, o primeiro intelectual militante das ideias de Marx no movimento operário brasileiro.

Silvério, que passou boa parte de sua vida residindo na efervescente cidade de Santos, afastou-se das tendências políticas da esquerda de sua época, adepta, principalmente, dos ideais anarquistas (AZEVEDO, 2008, p. 33)². O intelectual sergipano entusiasmou-se com potencial crítico expresso nas ideias do filósofo alemão, o único, aliás, segundo o autor, capaz de contribuir para o entendimento do funcionamento da

¹ Devemos estar atentos para algumas fragilidades inerentes à questão da memória, uma vez que a percepção do passado, reproduzidas por certos grupos sociais, nunca é despreziosa. Para o historiador Peter Burke, devemos considerar: “[...] o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais”. (BURKE, 2000, p. 69 – 70).

² Sobre a hegemonia das ideias anarquistas durante as duas primeiras décadas no Brasil: “Como se sabe, as ideias anarquistas chegaram ao Brasil antes do marxismo. Os anarquistas eram, em grande parte, imigrantes italianos que haviam se estabelecido no Brasil, mais especificamente, em São Paulo. Portanto, tanto a intelectualidade de esquerda, quanto o movimento operário brasileiro, tiveram como suporte aquelas ideias para reivindicarem uma melhoria de vida para a classe proletária, nos anos iniciais. Cabe, dessa forma, frisar que, foram os anarquistas que fizeram, pela primeira vez, pipocar nos principais centros econômicos do país, as lutas da classe operária”. (AZEVEDO, 2008, p. 33).

sociedade capitalista. Sobre o pioneirismo na divulgação da teoria marxista em solo brasileiro, assinalou Silvério Fontes:

Se cada socialista deve levar uma pedra para o novo edifício social, o centro de Santos sente-se satisfeito de ter iniciado, entre nós, a propaganda da doutrina reformadora, estribando-se na trilogia marxista: interpretação materialista da história, determinismo econômico e luta de classes. (FONTES, *apud*. PEREIRA, 1962).

A nosso ver, a leitura que Silvério realizou de Marx, direta ou indiretamente, em alguns pontos, foi algo realmente interessante para a época, enxergou como poucos, que nem sempre o fator econômico seria o determinante na análise social. Esta observação consciente pode ser facilmente identificada no artigo publicado na apresentação do jornal socialista de Santos, *A Questão Social*:

Resultado de estudos acurados d'uma pleiade de pensadores representando o *primus inter pares* Karl Marx o socialismo encontrou, principalmente na Alemanha, sua base científica. Não queremos dizer com isso que o problema social seja uma reforma exclusivamente econômica; que o socialismo seja unicamente uma questão de ventre. É incontestável que deve ocupar o primeiro lugar a transformação econômica, pois della nascerá a principal reivindicação proletária. Entretanto forçoso é confessar que as aspirações humanas devem ser integralizadas e a questão social passa a ser complexa, isto é, tanto litteraria, como philosophica, tanto affectiva, como esthetica, tanto moral, como politica. (QUESTÃO SOCIAL, 1895, p. 01).

Já para o historiador Edgard Carone, apesar das referências curiosas que Silvério realizou sobre o autor de *O Capital*, não devemos identificá-lo como um discípulo de Marx, propriamente dito, uma vez que o mesmo demonstrou uma série de incompreensões, a mais conhecida, segundo o historiador, ocorreu na ocasião da publicação do Manifesto do Partido Socialista Brasileiro em 1902. A esse respeito, argumentou Carone:

[...] depois de usar o esquema inicial do Manifesto Comunista, seus autores abandonam o fundamental da ideologia marxista – a luta de classes – e defendem a idéia de que o processo pacífico e ininterrupto levará a classe operária a passar da sociedade burguesa ao estágio superior, que é o socialismo. Esta posição evolucionista e mecanicista é a dominante. (CARONE, 1986, p. 61).

Como se observa no comentário de Carone, mais uma vez a memória pecebista procurou desqualificar os esforços realizados por alguns intelectuais. A nosso ver, a questão crucial para uma análise mais consciente não seria apontar os reformismos presente no interior do Partido Socialista Brasileiro, ou ainda, insistir na acusação de que o Manifesto Socialista era conservador e bastante limitado. Para além dessas

questões, acreditamos que o fundamental seria compreender o contexto do Brasil daquela época, ou seja, um país que há pouco tempo havia deixado de ser escravista, e que desde o início do período republicano passou a reprimir, com muita violência, as manifestações de caráter popular (PINHEIRO & HALL, 1981, p. 240). Porém, como constatamos, a memória que se produziu no período posterior a formação do PCB objetivou, entre outros aspectos, atribuir ao passado uma importância cada vez mais secundária. Ademais, esta memória também foi responsável por reproduzir uma visão diminutiva dos embates travados pelo movimento operário brasileiro, que desde o início do século XX, havia adquirido uma razoável consciência de classe em alguns embates travados (FOOT, 1983). Ademais, esta memória também foi responsável por reproduzir uma visão diminutiva, por um lado, das discussões travadas pela intelectualidade brasileira, como já destacamos anteriormente, quando nos referimos a presença em diferentes referências a Marx, entre os intelectuais, entre os quais, Tobias Barreto Silvério Fontes e Euclides da Cunha. Por outro lado diminui igualmente a existência dos embates travados pelo movimento operário, que desde o início do século XX havia adquirido uma razoável consciência de classe (FOOT, 1983)¹.

A título de exemplo do que estamos discutindo, reproduzimos a seguir um depoimento de Maurício de Lacerda, publicado no jornal a *Voz do Povo*, no dia 16 de março 1920, comentando sobre uma greve organizada por trabalhadores ferroviários da empresa *Leopoldina Railways*, ocorrida no dia 7 de março do mesmo ano. Segundo informou Lacerda:

A Liga Operária de São José de Além Paraíba lançou um manifesto em que reivindicava aumento de salários, pagamento em dobro para horas extras e contrato de trabalho para os trabalhadores da Leopoldina Railways [...] a greve foi declarada. A Federação dos Condutores de Veículos anunciaram uma greve geral. A greve conseguiu agregar metalúrgicos, padeiros, alfaiates e operários de construção civil e outras categorias. O êxito do movimento surpreendeu as autoridades: como de hábito, esse sucesso foi atribuído a agitadores estrangeiros. (LACERDA, *apud*. PINHEIRO & HALL, 1981, p. 52-53).

Com a deflagração da greve dos operários da Leopoldina, outras categorias em solidariedade aos companheiros ferroviários que haviam parado de trabalhar também aderiram ao movimento grevista. Outro exemplo semelhante ocorreu no Rio Grande do Sul, no início do XX. Ailana Cristina Amorin, em uma pesquisa recente sobre as condições

¹ Pensando em conformidade com o historiador inglês Edward P. Thompson, essa maneira ortodoxa de encarar o passado, impede-nos, entre outros aspectos, de compreender a verdadeira “atuação dos trabalhadores, e o grau com que contribuíram com esforços conscientes, no fazer-se da história” (THOMPSON, 1987, p. 13).

de trabalho das mulheres de Porto Alegre, constatou a existência de algumas ações solidárias que demonstram, claramente, uma percepção de classe. De acordo com Amarin:

[...] a participação das mulheres em uma greve ocorrida em Porto Alegre em 1906 teve forte importância no processo de fortalecimento dos laços e de uma identidade de classe. A greve, que começara com a paralisação dos artesãos marmoristas teve na seqüência do movimento a adesão de grupos de mulheres trabalhadoras. Mais do que apenas solidarizarem-se com o ato de greve e as demandas envolvidas parando a produção em suas fábricas e oficinas, elas participaram em movimentos de rua defendendo os ideais e as demais categorias envolvidas: uma identidade em construção. (AMORIN, 2005, p. 05).

O que seria essa solidariedade entre os trabalhadores senão uma consciência de classe? Entendemos que o *fazer-se* da classe operária não se trata de uma estrutura estabelecida *a priori*, seria, pois, antes de tudo, formada por homens, sujeitos de ação, que agem coletivamente e com certo grau de consciência para defender seus interesses (THOMPSON, 1987, p. 10)¹. Contrariando aquela visão mais tradicional da historiografia brasileira, que sempre procurou relacionar o desenvolvimento industrial ao grau de consciência dos operários, dialogando acerca desse problema, Cláudio Batalha observou que a formação de classe é “[...] um processo mais ou menos demorado, cujos resultados podem ser verificados na medida em que concepções, ações e instituições coletivas, de classe, tornam-se realidade” (BATALHA, 2003, p. 163).

O contexto da Grande Guerra Mundial (1914 – 1918) forçou o Brasil a uma inevitável industrialização, pois, aqueles produtos que antes eram adquiridos por meio de importações da Europa, com o desembocar do conflito, deixou de abastecer o mercado interno com seus produtos industrializados. Foi justamente nesse cenário, favorável à indústria interna, que tivemos um considerável crescimento do proletariado brasileiro, bem como um aumento significativo dos embates entre as classes sociais².

¹ O conceito thompiano, possibilita-nos, por exemplo, compreender que a experiência que os sujeitos carregam consigo seria de fundamental importância para que possamos entender a formação da classe operária no Brasil. Para Thompson: “A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais; encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais”. (THOMPSON, 1987, p. 10).

² Entre os anos de 1917 até, pelo menos, o início da década de 1920, por exemplo, verificou-se uma onda de agitações considerável para os padrões da época. Segundo informou a historiadora Edilene Toledo: “Uma série de fatores foram importantes e explicam a intensidade da agitação dos trabalhadores nesses anos entre 1917 e 1920: o agravamento das condições de vida e de trabalho em virtude da Primeira Grande Guerra Mundial; a propaganda desenvolvida pelas várias lideranças anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionárias; as atividades concretas de organização da classe trabalhadora com a criação de sindicatos, uniões, ligas e

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme verificamos, as ideias políticas de Karl Marx estiveram sempre presente, de maneira esporádica, em nossa imprensa operária e em alguns discursos dos nossos pensadores, a partir, principalmente, das últimas décadas do século XIX. A curiosidade e a simpatia aumentaram conforme cresceram em número e importância o movimento operário brasileiro.

No início do século XX, uma série de transformações econômicas, políticas e sociais contribuíram para modificar a estrutura da sociedade brasileira, um exemplo, o desenvolvimento da atividade comercial e industrial que se verificou em algumas regiões do país. Por último, outro aspecto significativo que não poderíamos deixar de registrar, até, pelo menos, o início dos anos 1920, foram as ideias anarquistas que acabaram sendo de fundamental importância para incendiar o movimento operário brasileiro.

Recebido em: 05/05/2013

Aceito em: 09/08/2013

REFERÊNCIAS

AMORIM, Ailana Cristina de. Análise de algumas relações entre trabalhadores envolvendo solidariedade e disputa no interior da classe operária (Rio Grande do Sul, início da Primeira República). SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz*. Londrina: ANPUH, 2005.

ASSIS, Machado de. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16.04.1883.

AZEVEDO, Denilton N. *A história da publicação das obras de Marx e Engels no Brasil: de 1930 a 1964*. (Monografia de Graduação) – Departamento de História, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

BATALHA, Cláudio H M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: DELGADO, Lucília de A N. *O Brasil Republicano 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BURKE, Peter. História como memória social. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EDITOR. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14.03. 1883.

FONTES, Silvério. *A Questão Social*. Santos, nº 01, 15.09.1895.

FOOT, Francisco Hardman. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOBBSAWM, Eric J. A fortuna das edições de Marx e Engels. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). *História do Marxismo: o Marxismo no tempo de Marx*, Vol. 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1983.

KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das idéias de Marx e Engels no Brasil até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Karl Marx na Imprensa do Império. In: TAVARES, José N. *Marx, o Socialismo e o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MARX, Karl. Capítulo IV: A transformação do dinheiro em capital. In: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*, Vol. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *Crítica ao Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORAES FILHO, Evaristo de. *Medo à Utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

PAIM, Antônio. A Formação da Escola do Recife. In: PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil: as correntes*, Vol. 2. Londrina: Edições Humanidades, 2007.

PEREIRA, Astrojildo. Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil. *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro. 3 (12): 407, abr., 1962.

PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michel M. *A classe operária no Brasil: condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

TARCUS, Horácio. *Marx en la Argentina: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

TAVARES, J. *Marx, o Socialismo e o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. v 1, 1987.

TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *A Formação das tradições (1889 - 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.